



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho

**revista****f****s****a**

[www4.unifsanet.com.br/revista](http://www4.unifsanet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 23, n. 5, art. 5, p. 86-101, mai. 2026

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2026.23.5.5>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## Dislexia e suas Complicações na Aprendizagem

### Dyslexia and its Learning Complications

#### Sávio Coelho Peixoto Pires

Especialista em Docência do Ensino Superior e Gerontologia e Saúde Mental pela Universidade Cândido Mendes  
Psicólogo Clínico e Organizacional  
E-mail: [peixotonyrio@gmail.com](mailto:peixotonyrio@gmail.com)

#### Karina Hernandes Neves

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora  
Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Fluminense Campus Bom Jesus do Itabapoana  
Coordenadora de Curso e docente no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)  
E-mail: [karina.neves@iff.edu.br](mailto:karina.neves@iff.edu.br)

---

#### Endereço: Sávio Coelho Peixoto Pires

Travessa Nosso Senhor dos Passos, 89, casa 2, Hospital –  
Miracema/RJ – CEP: 28460-000

#### Endereço: Karina Hernandes Neves

Avenida Dario Vieira Borges, 235, Parque do Trevo –  
Bom Jesus do Itabapoana/RJ – CEP: 28360-000

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues**

**Artigo recebido em 06/04/2026. Última versão recebida em 22/04/2026. Aprovado em 23/04/2026.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo enfocar a dislexia, apresentando seu conceito e sua classificação para auxiliar professores e famílias na facilitação do diagnóstico e entendimento desse distúrbio de aprendizagem. A dislexia afeta crianças em todo o mundo e impacta significativamente a dificuldade de aprendizagem. O estudo se baseia em teóricos como Junkes (2006), Bauer (1997), Maia (2008) e Seliukowitz (2001). A leitura e a escrita são capacidades essenciais na sociedade contemporânea, e a ausência dessas habilidades é considerada fora do comum. O ato de aprender é um processo universal que faz parte do desenvolvimento humano, envolvendo aspectos biológicos, ambientais e psicológicos. Essas habilidades não são isoladas e requerem diversos fatores para seu pleno desenvolvimento, incluindo influências ambientais, sociológicas e cognitivas. A dislexia, como distúrbio de aprendizagem, pode ser causada por uma variedade de fatores e afeta significativamente a capacidade de leitura e escrita. Este estudo busca explorar a perspectiva do educador, distinguindo entre dificuldades, transtornos e distúrbios de aprendizagem e oferecendo uma definição clara de dislexia e suas implicações para o sujeito e suas relações com a aprendizagem. Além disso, o trabalho analisa como a dislexia tem sido abordada ao longo do tempo na sociedade e nas instituições escolares. Destaca-se a importância da prática escolar inclusiva para alunos disléxicos e a necessidade de uma abordagem educacional que acolha alunos com necessidades especiais e dificuldades de aprendizagem. O estudo visa promover uma educação mais inclusiva e eficaz, ajudando a criar um ambiente de apoio e compreensão para todos os alunos.

**Palavras-chave:** Dislexia. Cotidiano Escolar. Escola Inclusiva. Aprendizagem.

## ABSTRACT

The present work aims to focus on dyslexia, presenting its concept and classification to assist teachers and families in facilitating the diagnosis and understanding of this learning disorder. Dyslexia affects children around the world and significantly impacts learning disabilities. The study is based on theorists such as Junkes (2006), Bauer (1997), Maia (2008) and Seliukowitz (2001). Reading and writing are essential skills in contemporary society, and the absence of these skills is considered unusual. The act of learning is a universal process that is part of human development, involving biological, environmental and psychological aspects. These skills are not isolated and require several factors for their full development, including environmental, sociological and cognitive influences. Dyslexia, as a learning disorder, can be caused by a variety of factors and significantly affects reading and writing ability. This study seeks to explore the educator's perspective, distinguishing between difficulties, disorders and learning disorders, and offering a clear definition of dyslexia and its implications for the subject and their relationships with learning. Furthermore, the work analyzes how dyslexia has been addressed over time in society and in school institutions. The importance of inclusive school practice for dyslexic students and the need for an educational approach that welcomes students with special needs and learning difficulties is highlighted. The study aims to promote more inclusive and effective education, helping to create a supportive and understanding environment for all students.

**Keywords:** Dyslexia. School Daily Life. Inclusive School. Learning.

## 1 INTRODUÇÃO

É comum ouvir de estudiosos da Educação que as crianças são capazes de aprender tudo o que lhes é ensinado, uma vez que o ato de aprender seria uma das funções inerentes aos indivíduos na fase da infância que vêm ao mundo para entender o que as rodeia através de interações sociais e com o ambiente no qual estão inseridas. Tais interações – a começar pela família, escola, colegas e meio social – contribuem para o processo de formação e constituição do/s indivíduo/s.

Este trabalho visa enfatizar a dislexia, apresentando seu conceito e suas principais classificações como forma de auxiliar professores e famílias na identificação de seus sinais e características. Ao ampliar o conhecimento sobre esse transtorno específico de aprendizagem, busca-se favorecer o reconhecimento precoce de dificuldades relacionadas à leitura, à escrita e à compreensão textual, contribuindo para um encaminhamento adequado e para intervenções pedagógicas mais eficazes. A dislexia, que afeta crianças em diferentes contextos socioculturais ao redor do mundo, não se limita a dificuldades escolares pontuais, mas envolve aspectos cognitivos, linguísticos e emocionais que impactam diretamente o desenvolvimento acadêmico e a construção da autoestima do estudante. Assim, compreender suas manifestações e especificidades torna-se fundamental para a promoção de práticas educativas inclusivas, capazes de respeitar as singularidades de cada sujeito. Dessa forma, ao discutir a dislexia sob uma perspectiva informativa e formativa, este estudo pretende fortalecer a parceria entre escola e família, contribuindo para o diagnóstico adequado e para a construção de estratégias pedagógicas que favoreçam o pleno desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Para estudiosos do assunto e pesquisas anteriores, dentre as dificuldades de aprendizagem encontra-se com maior recorrência a dificuldade denominada dislexia, para caracterizar as pessoas que apresentam limitações no tocante à leitura e à escrita. A dislexia é um transtorno genético e hereditário, presente em aproximadamente 10% da população mundial. (MORAIS, 2006).

De acordo com os autores pesquisados, a dislexia pode ser compreendida como um transtorno específico de aprendizagem que se manifesta, principalmente, nas áreas da leitura, da escrita e da soletração, afetando a capacidade do indivíduo de reconhecer palavras, decodificar sons e estabelecer relações entre grafemas e fonemas. Trata-se de uma condição de origem neurobiológica que não está relacionada à falta de inteligência, interesse ou

oportunidade de aprendizagem, mas sim a diferenças no modo como o cérebro processa as informações linguísticas.

Nesse contexto, a dislexia é, frequentemente, apontada como um dos transtornos de aprendizagem mais recorrentes e perceptíveis no ambiente escolar, sendo identificada por professores a partir de dificuldades persistentes na leitura fluente, na escrita ortográfica e na compreensão de textos. Tais dificuldades, quando não reconhecidas e acompanhadas adequadamente, podem gerar impactos significativos no desempenho acadêmico, na autoestima e na participação do estudante em atividades escolares.

Dessa forma, compreender a dislexia a partir das contribuições teóricas e científicas de diferentes autores torna-se fundamental para que educadores e familiares possam reconhecer seus sinais, evitar interpretações equivocadas como a associação com desatenção ou desinteresse e adotar estratégias pedagógicas inclusivas que favoreçam o desenvolvimento das habilidades linguísticas e cognitivas dos alunos que apresentam esse transtorno.

Não prestar atenção em sala de aula, construir frases vagas e até confundir direita e esquerda devem ser sinais de alerta para pais e professores. Tudo isso pode ser indício de dislexia, um dos distúrbios de aprendizagem mais comuns entre as crianças, que tem causas neurológicas e hereditárias, sendo, geralmente, detectado na fase da alfabetização, tornando comum provocar a defasagem inicial na aprendizagem.

Assim sendo, o presente trabalho visa auxiliar os professores no trabalho cotidiano dos alunos com dislexia, contribuindo com informações e metodologias ativas voltadas para a inclusão do aluno disléxico em turmas regulares, assegurando uma formação de qualidade, sem qualquer discriminação e, conseqüentemente, facilitando sua vida acadêmica.

Como já se salientou, a dislexia influencia diretamente nos problemas de aprendizagem das crianças, podendo ser apresentada quando uma criança saudável, inteligente, com estímulos socioculturais adequados e sem problemas de ordem sensorial ou emocional, tem uma dificuldade acima do comum em aprender a ler. Para estudiosos no assunto, o ideal é realizar o diagnóstico da dislexia o mais cedo possível, para amenizar ou evitar um comprometimento social e emocional do indivíduo ao longo da sua vida, e, ainda, minimizando os aspectos da dificuldade de aprendizagem.

Entende-se a dislexia, de causa genética e hereditária, como sendo um transtorno ou distúrbio neurofuncional, ou seja, o funcionamento cerebral depende da ativação integrada e simultânea de diversas redes neuronais para decodificar as informações, no caso, as letras do alfabeto. Quando isso não acontece adequadamente, há uma desordem no caminho das

informações, dificultando o processo da decodificação das letras, o que pode, muitas vezes, acarretar o comprometimento da escrita.

Diante disso, percebe-se a necessidade de a comunidade escolar manter-se constantemente informada sobre a dislexia, como forma de assegurar uma educação de qualidade, garantindo um espaço apropriado para troca de experiências, onde se sintam à vontade e não tenham constrangimentos de suas limitações. É importante que o professor desenvolva metodologias que possam integrar os alunos disléxicos com os demais colegas, facilitando assim o seu trabalho.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A problemática da dislexia no processo de ensino-aprendizagem**

Segundo Moraes (2006, p. 32), a dislexia é uma disfunção que significa: "'dis' pobre ou inadequada aprendizagem, ou fraca apropriação de aquisições, e 'lexia' que significa linguagem escrita". Já de acordo com Bauer (1997, p. 20), "é uma dificuldade para aprender a ler, apesar de uma inteligência suficiente – o QI deve ser normal – e de um ensino clássico".

Segundo o autor supracitado, a dislexia pode ser classificada em três grupos: a disfonética ou auditiva: dificuldade de discriminação auditiva de sons próximos, troca de sons próximos; disidética ou visual: a pessoa apresenta dificuldade na percepção visual das palavras, escrita em espelho, trocas entre letras semelhantes e a mista: possui características dos dois tipos de dislexia acima relacionadas, as dificuldades apresentadas são muito grandes, pois englobam as duas dislexias (auditiva e visual).

Pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD), o diagnóstico de dislexia não é simples de ser realizado, deve ser feito por uma equipe multidisciplinar formada por um neuropsicólogo ou psicólogo, um psicopedagogo e um fonoaudiólogo. Em alguns casos, há a necessidade de consultar um psiquiatra ou um neurologista e um oftalmologista. É importante levar em consideração o meio social em que a pessoa está inserida, todas as possibilidades devem ser levadas em consideração.

Se não forem proporcionadas ao disléxico possibilidades pedagógicas favoráveis ao aprendizado, a dislexia pode resultar em dificuldades de aprendizagem. Dessa forma, torna-se de fundamental importância o diagnóstico correto e um trabalho paralelo do desenvolvimento da escrita e leitura com os alunos disléxicos, estabelecendo ação conjunta com a escola, demais alunos, professores e pais e só assim o trabalho pedagógico será efetivo.

Ao entender a importância da leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem, delineia-se a ideia de que a dislexia interfere significativamente na vida escolar do aluno que tenha o distúrbio e percebendo, dessa forma, o papel que a família e a escola exercem no auxílio ao indivíduo que apresente tal disfunção. Cabe aqui ressaltar a importância da responsabilidade e da função do professor frente a esse distúrbio, e que é prioritária a compreensão deste profissional sobre a dimensão implicada na dislexia, a consciência de que ninguém aprende da mesma forma, por isso a importância de se respeitar as individualidades e de diversificar as estratégias de ensino, bem como o modo de se avaliar esse aluno.

Percebe-se, porém, que na maioria das vezes os professores não se encontram preparados para identificar e encaminhar para avaliação o aluno que apresente dificuldades no processo de aprendizagem, com o intuito de constatar se há distúrbio ou não, por meio de uma equipe multidisciplinar, em virtude de não estar disponibilizada em todas as redes de ensino seja pública ou privada. A avaliação não deve ter como objetivo a rotulação do aluno e sim, a partir desse diagnóstico, o professor proporcionar meios para promover a aprendizagem significativa desse aluno.

Trata-se de um tema que se encontra em constantes pesquisas, com muitas descobertas recentes, que têm tomado cada vez mais espaço no cotidiano escolar, despertando cada vez mais interesse entre pais, educadores e pessoas que compreendem a importância da leitura e da escrita no cotidiano do ser humano.

Definida como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, a dislexia é o distúrbio de maior incidência nas salas de aula. Pesquisas realizadas em vários países mostram que entre 05% e 17% da população mundial é disléxica. Ao contrário do que muitos pensam, a dislexia não é o resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência. Ela é uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico. Por esses múltiplos fatores é que a dislexia deve ser diagnosticada por uma equipe multidisciplinar. Esse tipo de avaliação dá condições de um acompanhamento mais efetivo das dificuldades após o diagnóstico, direcionando-o às particularidades de cada indivíduo, levando a resultados mais concretos. (MELO, 2010, p. 58).

Os sintomas que podem indicar a dislexia, antes de um diagnóstico multidisciplinar, apenas sugerem a presença de um possível distúrbio de aprendizagem, não sendo suficientes para confirmar a dislexia de forma definitiva. E não para por aí... É importante compreender que sinais como dificuldades persistentes na leitura, na escrita, na soletração, na organização textual ou na memorização de sequências não constituem, isoladamente, um diagnóstico fechado. Esses indícios devem ser analisados com cautela e responsabilidade, considerando o contexto global de desenvolvimento da criança.

Além disso, tais manifestações podem estar associadas a outras condições, como dificuldades pedagógicas específicas, questões emocionais, déficits de atenção, lesões neurológicas, síndromes ou outros transtornos que também interferem no processo de aprendizagem, como exemplifica Moraes (2006). Dessa forma, a observação dos sintomas deve servir como um ponto de alerta e não como uma rotulação precipitada, evitando equívocos que possam comprometer o desenvolvimento educacional e emocional do estudante.

Ao identificar problemas no rendimento escolar ou sintomas isolados – percebidos tanto no ambiente escolar quanto no familiar – torna-se fundamental buscar ajuda especializada. O encaminhamento para profissionais como psicopedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos e neurologistas possibilita uma avaliação criteriosa e abrangente, capaz de investigar as reais causas das dificuldades apresentadas. Somente por meio de um diagnóstico multidisciplinar é possível compreender a origem das dificuldades e estabelecer intervenções adequadas, contribuindo para o desenvolvimento pleno da criança e para a construção de práticas educativas mais inclusivas e eficazes.

Uma equipe multidisciplinar, formada por psicóloga, fonoaudióloga e psicopedagoga clínica deve iniciar uma minuciosa investigação. Essa mesma equipe deve ainda garantir uma maior abrangência do processo de avaliação, verificando a necessidade do parecer de outros profissionais, como Neurologista, Oftalmologista e outros, conforme o caso. A equipe de profissionais deve verificar todas as possibilidades antes de confirmar ou descartar o diagnóstico de dislexia. É o que se chama de avaliação multidisciplinar e de exclusão.

Uma vez diagnosticada a dislexia, o encaminhamento adequado orienta o acompanhamento de acordo com as particularidades de cada caso, o que torna a intervenção mais eficaz e significativa. Esse processo favorece a elaboração de estratégias personalizadas, uma vez que o profissional responsável pelo atendimento já terá acesso a informações relevantes obtidas durante a avaliação, como laudos, pareceres técnicos e histórico escolar do estudante. Assim, não será necessário um período prolongado apenas para identificação das dificuldades, permitindo que o trabalho seja direcionado, desde o início, para o desenvolvimento das habilidades comprometidas e para o fortalecimento das potencialidades do indivíduo (BAUER, 1997).

Ao conhecer as causas das dificuldades, bem como as capacidades, interesses e singularidades do sujeito, o profissional pode adotar a abordagem teórica e metodológica que considere mais adequada para o acompanhamento. Essa atuação fundamentada e sensível às necessidades individuais contribui para a construção de um processo interventivo mais



assertivo, que respeita o ritmo de aprendizagem e valoriza as conquistas progressivas do estudante.

Desse modo, os resultados tendem a surgir de forma consistente e gradual, evidenciando avanços tanto no desempenho acadêmico quanto na autoconfiança e na motivação para aprender. O acompanhamento contínuo, aliado à parceria entre escola, família e equipe multidisciplinar, torna-se essencial para que o indivíduo com dislexia desenvolva estratégias de superação das dificuldades e alcance uma trajetória escolar mais inclusiva e bem-sucedida.

Nunes (2000) afirma que, ao contrário do que muitos imaginam, a pessoa com dislexia encontra caminhos próprios para lidar com suas dificuldades, desenvolvendo estratégias de superação e adaptação que possibilitam sua participação nos processos de aprendizagem. O estudante disléxico tende a responder de maneira mais positiva a situações que se relacionam com experiências concretas e que envolvam diferentes estímulos sensoriais, como o uso de recursos visuais, auditivos e táteis. Além disso, apresenta uma forma singular de organizar o pensamento e construir sua própria lógica de compreensão, o que torna essencial o estabelecimento de um vínculo de confiança e de cooperação entre profissional e estudante, favorecendo um acompanhamento mais sensível e eficaz.

Outro passo importante no processo de intervenção consiste na elaboração de um programa de ensino estruturado em etapas sequenciais e progressivas, no qual cada fase só deve ser avançada após a consolidação da etapa anterior. Esse percurso exige retomadas constantes e revisões sistemáticas, assegurando que os conteúdos e habilidades trabalhados tenham sido efetivamente compreendidos e incorporados. Tal proposta fundamenta-se no sistema multissensorial e cumulativo, que valoriza o uso integrado dos sentidos e a construção gradual do conhecimento, respeitando o ritmo e as necessidades específicas de cada aprendiz.

Nesse sentido, os educadores precisam reconhecer que o ato de aprender constitui um processo inerente a todos os indivíduos, inserido no desenvolvimento humano e atravessado por fatores biológicos, ambientais, sociais e psicológicos. Quando, no contexto da escola regular, surgem estudantes que não correspondem ao modelo considerado padrão de aprendizagem, torna-se fundamental problematizar o que se entende por “não aprender”. Mais do que atribuir rótulos ou responsabilizar o aluno, é necessário refletir sobre as práticas pedagógicas, os métodos de ensino e as condições oferecidas pela escola, compreendendo que a diversidade de formas de aprender exige abordagens inclusivas, flexíveis e sensíveis às singularidades de cada sujeito.



Em uma perspectiva de pensamento que considera todos os sujeitos como normais, surge um questionamento inevitável: onde se insere a chamada “anormalidade” daquele que não consegue aprender nos moldes esperados? Nesse cenário, emergem os medos, as inseguranças e, muitas vezes, a sensação de impotência do educador que se vê diante da ruptura da norma. Conforme destaca Thoma (2005, p. 01), “a norma, portanto, marca a existência de algo tomado como o ideal e que serve para mostrar e demarcar aqueles que estão fora da curva da normalidade, no desvio que deve ser corrigido e ajustado”. Assim, a escola tende a operar a partir de um ideal de aprendizagem homogêneo, no qual todo desvio é percebido como problema a ser corrigido, e não como expressão da diversidade humana.

De modo geral, a atitude recorrente diante de situações em que o aluno não aprende é a reclamação e o lamento. Essas queixas, repetidas cotidianamente, acabam se cristalizando como um vício institucional, perpetuando-se de educador para educador e instaurando uma cultura de culpabilização do estudante. Tal postura, longe de contribuir para a resolução das dificuldades, reforça práticas excludentes e fragiliza a construção de alternativas pedagógicas mais sensíveis e inclusivas.

Conforme Larrosa (2004), “a prática educativa é singular, é heterogênea, é fluxo, é imagem, é símbolo, é imaginária. Precisa ser lida nas vozes e gestos dos sujeitos que fazem cotidianamente”. Essa concepção evidencia a necessidade de compreender a educação como um processo dinâmico e plural, no qual cada sujeito aprende de forma única e em tempos distintos. Reconhecer essa singularidade implica deslocar o olhar da falha individual para a reflexão sobre as práticas pedagógicas e as condições de aprendizagem oferecidas.

As dificuldades de aprendizagem secundárias, por sua vez, relacionam-se “a outros quadros diagnósticos, onde estão os problemas na aprendizagem escolar, decorrentes de transtornos que atuam primeiramente sobre o desenvolvimento humano normal e secundariamente sobre as aprendizagens específicas” (MORAIS, 2006, p. 105). Dessa forma, é possível compreender a distinção estabelecida pelo autor entre diferentes tipos de dificuldades de aprendizagem, que podem ser de ordem natural, relacionadas ao percurso escolar, de natureza metodológica ou ainda secundárias, como nos casos de estudantes com deficiências intelectuais, sensoriais, quadros neurológicos mais graves ou transtornos emocionais significativos.

No cotidiano das instituições de ensino, observam-se com frequência crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, especialmente nas áreas de leitura e escrita. Muitas delas revelam problemas ortográficos, baixo rendimento escolar e, em alguns casos, comportamentos interpretados como indisciplina. Contudo, é importante considerar que, no

início da escolarização, é aceitável que a criança enfrente obstáculos no desenvolvimento dessas habilidades, conforme destaca Selikowitz (2001). Ainda assim, é necessário manter um olhar atento para identificar possíveis sinais de um transtorno específico de aprendizagem.

Esse cenário, em grande medida, reflete limitações cognitivas e linguísticas que podem estar associadas à dislexia, evidenciando fortes indícios de dificuldades relacionadas à linguagem. Diante disso, torna-se imprescindível repensar a formação docente e as práticas pedagógicas. Nesse sentido, Junkes (2006, p. 91) ressalta ser “igualmente necessário buscar outro sentido para a formação do professor que deverá ter sempre como fio condutor a unidade da prática e da teoria e não ser reduzido ao mero treinamento de um conjunto de técnicas e de métodos de ensino”. Tal perspectiva reforça a importância de uma formação crítica e reflexiva, capaz de preparar o educador para lidar com a diversidade de aprendizagens e para construir práticas que valorizem as singularidades de cada estudante.

Vários autores especializados no assunto dizem que, na Idade Moderna, nasce uma nova concepção de homem, com os primeiros testes criados por Benet, em 1904, com a finalidade de verificar os avanços de crianças deficientes do ponto de vista intelectual. Na Idade Contemporânea, inicia-se, então, um processo de compreensão da sociedade a respeito das pessoas com NEE, que passa a interessar-se pela educação do deficiente, apesar da visão ainda assistencialista e excludente e de permanecer em instituições, à margem da sociedade. A partir da compreensão das deficiências, e já na busca da inserção do deficiente no Brasil, em 1994, por meio da Secretaria de Educação Especial (SEESP) iniciaram-se as Diretrizes para a Educação Especial, com os princípios propostos pela Declaração de Salamanca (Espanha), local onde representantes de alguns países se reuniram com o propósito de debater políticas públicas de inclusão social e educacional de crianças, mulheres, analfabetos e pessoas com necessidades educacionais especiais (MAIA, 2008).

Nos dias de hoje, o governo tem implementado diversas políticas públicas voltadas à efetivação da inclusão social e escolar, buscando assegurar o direito à educação para todos e promover o acesso, a permanência e o sucesso dos estudantes no ambiente escolar. Tais iniciativas se materializam em legislações, programas de formação docente, ampliação do atendimento educacional especializado e na criação de diretrizes que orientam práticas pedagógicas mais inclusivas. No entanto, essas medidas, embora fundamentais, ainda não representam a solução definitiva para os desafios enfrentados no cotidiano das escolas.

Isso ocorre porque o processo de inclusão é complexo e gradativo, exigindo não apenas a implementação de políticas e normativas, mas também uma transformação cultural, pedagógica e social. Conforme afirma Maia (2008), a inclusão demanda, sobretudo, o

reconhecimento e o respeito às diferenças e à diversidade humana, implicando a revisão de concepções tradicionais de ensino que privilegiam a homogeneidade e a padronização dos sujeitos.

Assim, para que a inclusão se efetive de maneira plena, é necessário que a escola se reorganize em seus espaços, currículos e metodologias, acolhendo as singularidades dos estudantes e promovendo práticas que valorizem suas potencialidades. A participação da família, a formação continuada dos educadores e o compromisso das instituições de ensino com uma educação equitativa também se mostram essenciais nesse percurso. Desse modo, a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva depende de um esforço coletivo e contínuo, no qual políticas públicas, práticas pedagógicas e atitudes sociais caminhem de forma integrada em direção ao respeito à diversidade e à promoção da igualdade de oportunidades.

Na verdade, ainda são observadas atitudes marcadas pela compaixão e pela percepção de incapacidade, frequentemente manifestadas por meio de cuidados excessivos direcionados às pessoas com deficiência. Tais posturas, embora muitas vezes motivadas por boas intenções, acabam reforçando estereótipos de fragilidade e dependência, contribuindo para a manutenção de barreiras atitudinais que dificultam a plena participação desses sujeitos nos espaços sociais e educacionais. Em vez de promover a autonomia, essas atitudes podem limitar o desenvolvimento e a construção de uma identidade pautada no reconhecimento das potencialidades e dos direitos das pessoas com necessidades educacionais especiais (NEE).

Contudo, à medida que se amplia o entendimento acerca da diversidade que caracteriza a sociedade contemporânea, observa-se um movimento crescente em direção ao respeito, à valorização das diferenças e à compreensão das especificidades de cada indivíduo. Conforme aponta Junkes (2006), a construção de uma nova consciência social sobre a deficiência tem contribuído para a superação de visões assistencialistas e para o fortalecimento de perspectivas inclusivas. Nesse contexto, reconhece-se que a diversidade social, cultural e educacional é constitutiva da própria experiência humana e deve ser acolhida como elemento enriquecedor das relações e dos processos de aprendizagem.

Essa nova forma de compreender a deficiência favorece a consolidação da educação inclusiva, ao deslocar o foco das limitações individuais para as possibilidades de participação e desenvolvimento. Ao promover o reconhecimento das capacidades e o respeito às singularidades, amplia-se a construção de uma convivência mais democrática e equitativa na sociedade. Assim, a escola e os demais espaços sociais passam a desempenhar um papel

fundamental na formação de cidadãos conscientes, capazes de conviver com as diferenças e de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e plural.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluído este trabalho, evidencia-se que a investigação acerca das dificuldades de aprendizagem, especialmente da dislexia, ressalta a necessidade urgente de uma abordagem educacional mais inclusiva, sensível e adaptativa. A análise realizada demonstra que compreender as especificidades das dificuldades de aprendizagem é um passo fundamental para a construção de práticas pedagógicas que respeitem as singularidades dos estudantes e favoreçam o desenvolvimento de suas potencialidades.

O estudo revela, ainda, que a identificação precoce dos sinais de dificuldades e a implementação de intervenções pedagógicas especializadas são elementos essenciais para a superação dos desafios enfrentados por alunos com transtornos de aprendizagem. Tais ações contribuem não apenas para a melhoria do desempenho acadêmico, mas também para o fortalecimento da autoestima, da autonomia e da participação ativa desses estudantes no ambiente escolar.

Nesse sentido, a promoção de um ambiente educacional mais equitativo depende do comprometimento de toda a comunidade escolar – professores, gestores, famílias e profissionais especializados – na construção de práticas inclusivas e no reconhecimento da diversidade como elemento constitutivo do processo educativo. Assim, compreender e atender às necessidades dos alunos com dislexia e outras dificuldades de aprendizagem representa um passo significativo rumo a uma educação mais justa, democrática e verdadeiramente inclusiva.

A escola, muitas vezes, não considera o aluno como o ponto de partida fundamental para a aprendizagem, priorizando conteúdos e métodos padronizados que desconsideram as singularidades do sujeito que aprende. No entanto, o nível de desenvolvimento cognitivo do estudante – determinado por seus esquemas interpretativos, experiências prévias e condições individuais – deve ser reconhecido como uma variável essencial que influencia diretamente sua capacidade de assimilação, compreensão e construção do conhecimento. Ignorar essas especificidades pode resultar em práticas pedagógicas pouco eficazes, que não dialogam com as reais necessidades dos educandos.

Nessa perspectiva, é fundamental compreender que o processo de aprendizagem não ocorre de maneira uniforme ou imediata, mas se constitui de forma gradual e dinâmica. Como

afirma Piaget (1990), o conhecimento é construído progressivamente por meio de processos de reorganização e reestruturação mental, nos quais o sujeito interage com o meio, confronta hipóteses, reelabora conceitos e reconstrói saberes. Assim, aprender implica um movimento contínuo de construção, no qual o erro, a dúvida e a experimentação fazem parte do desenvolvimento cognitivo.

Reconhecer o aluno como sujeito ativo desse processo significa valorizar seu ritmo, suas experiências e suas formas particulares de compreender o mundo. Desse modo, torna-se imprescindível que a escola adote práticas pedagógicas flexíveis e contextualizadas, capazes de favorecer a construção do conhecimento de maneira significativa, respeitando as diferenças e promovendo condições reais para que todos os estudantes possam aprender e se desenvolver plenamente.

O processo de inclusão escolar ainda está em evolução, e a formulação de diretrizes e práticas eficazes é uma tarefa em progresso. É essencial que os educadores compreendam a importância de ressignificar o conceito de aprendizagem e suas implicações na organização do processo educativo. A falta dessa compreensão pode resultar em práticas pedagógicas inadequadas e em um ambiente de aprendizado que não atende às necessidades dos alunos. Assim, a prática reflexiva e investigativa do professor torna-se fundamental para o sucesso da inclusão.

O papel do professor transcende a mera transmissão de conhecimento; ele deve atuar como mediador e facilitador do processo de aprendizagem, promovendo situações que provoquem a curiosidade, a reflexão e a interação entre a criança e o conhecimento. Nesse sentido, ensinar implica criar oportunidades para que o aluno construa saberes de forma ativa, significativa e contextualizada, estabelecendo relações entre o que já sabe e as novas informações que lhe são apresentadas. O professor, portanto, assume a função de orientar, estimular e acompanhar o percurso formativo dos estudantes, reconhecendo suas singularidades, ritmos e modos próprios de aprender.

O espaço escolar, por sua vez, deve constituir-se como um ambiente dinâmico, acolhedor e seguro, capaz de favorecer a organização contínua do conhecimento e o desenvolvimento integral do aluno. Esse ambiente precisa possibilitar a troca de experiências, a construção coletiva de saberes e o respeito às diferenças, criando condições para que os estudantes se sintam motivados a participar e a se expressar. Ao proporcionar situações que estimulem o processamento de informações e o desenvolvimento dos processos cognitivos, emocionais e sociais, a escola contribui para a formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes de seu papel na sociedade.

Assim, a prática pedagógica deve estar pautada na valorização do diálogo, da escuta e da sensibilidade diante das necessidades de cada aluno. Ao reconhecer a aprendizagem como um processo complexo e multifacetado, o professor fortalece a construção de um ensino mais inclusivo e significativo, no qual todos os estudantes tenham oportunidades reais de desenvolvimento e participação.

É fundamental que esses conceitos sejam integrados ao cotidiano escolar. No entanto, quando a aprendizagem não ocorre conforme esperado, a responsabilidade frequentemente recai sobre o aluno, o que é uma abordagem inadequada. Em vez disso, a escola e os professores devem refletir sobre suas práticas e abordagens para garantir que atendam às necessidades de todos os alunos.

Historicamente, crianças com dificuldades de aprendizagem foram encaminhadas para diagnósticos médicos, frequentemente tornando-se estigmatizadas e marginalizadas. Esse estigma limitava suas oportunidades e reduzia sua chance de desenvolvimento pleno. É crucial que a comunidade escolar trate o aluno com dislexia com naturalidade e respeito. A discriminação deve ser evitada a todo custo, e a comunicação deve ser direta, clara e objetiva, evitando linguagem simbólica ou metafórica complexa.

Uma abordagem pedagógica eficaz para o atendimento ao aluno com dislexia pode incluir estratégias simples, porém significativas, como posicioná-lo em local próximo ao professor, favorecendo a comunicação direta, a observação contínua e o acompanhamento mais atento de suas atividades. Essa proximidade facilita intervenções imediatas, orientações individualizadas e a construção de um vínculo de confiança que contribui para a segurança do estudante durante o processo de aprendizagem.

Além disso, torna-se fundamental verificar, de maneira discreta e respeitosa, se o aluno está compreendendo os conteúdos trabalhados e se apresenta dúvidas ou dificuldades específicas. Essa escuta sensível evita exposições desnecessárias diante da turma e fortalece o sentimento de pertencimento, apoio e valorização. Quando o estudante percebe que suas necessidades são reconhecidas e acolhidas, tende a se engajar mais nas atividades propostas e a desenvolver maior autonomia em seu percurso formativo.

Entretanto, para além de ações pontuais, propõe-se uma perspectiva inovadora de acompanhamento pedagógico que considere o aluno com dislexia como protagonista de seu próprio processo de aprendizagem. Essa proposta pode incluir o desenvolvimento de planos de ensino personalizados, o uso de metodologias multissensoriais, a integração de tecnologias assistivas e a criação de espaços de aprendizagem colaborativa, nos quais diferentes formas de expressão e compreensão sejam valorizadas.

Como possibilidade para estudos posteriores, sugere-se a investigação de práticas pedagógicas que articulem acompanhamento individualizado, formação docente continuada e participação ativa da família, de modo a construir redes de apoio mais amplas e consistentes. Pesquisas futuras também podem explorar o uso de recursos digitais interativos, ambientes híbridos de aprendizagem e estratégias de ensino que privilegiem a criatividade, a oralidade e a experimentação como caminhos para a construção do conhecimento.

Dessa forma, ao adotar práticas inclusivas e inovadoras, a escola não apenas favorece o desenvolvimento acadêmico do aluno com dislexia, mas também contribui para a construção de um ambiente escolar mais humano, acolhedor e equitativo, no qual as diferenças são reconhecidas como parte constitutiva da aprendizagem e da formação integral de todos os sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- ABD – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE *DISLEXIA*. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/abd/dislexia.htm>> Acesso em: 21 dez. 2025.
- BAUER, J. J. **Dislexia: Ultrapassando as barreiras do preconceito**. São Paulo. Casa do psicólogo, 1997.
- JUNKES, A. O. **Formação de professores e condições de atuação em educação especial**. Florianópolis: Insular, 2006.
- LAROSSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MAIA, V. **Dislexia e educação especial no Brasil**. São Paulo: Nova Fronteira, 2008
- MELO, M. C. G. **Dislexia: comprometimento no ensino fundamental**. Rio de Janeiro: Moderna, 2010.
- MORAIS, A. M. P. **Distúrbios de Aprendizagem: Uma abordagem psicopedagógica**. 12. ed. São Paulo: Edicom, 2006.
- NUNES, C. **Gestão e Ação no ambiente escolar**. São Paulo: EDUSF, 2000.
- PIAGET, J. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- SELIKOWITZ, M. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2001.
- THOMA, A. S. **Entre normais e anormais: invenções que tecem inclusões e exclusões das alteridades deficientes**. Porto Alegre: Artmed, 2005.



**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

PIRES, S. C. P; NEVES, K. H. Dislexia e suas Complicações na Aprendizagem. **Rev. FSA**, Teresina, v. 23, n. 5, art. 5, p. 86-101, mai. 2026.

<b>Contribuição dos Autores</b>	<b>S. C. P. Pires</b>	<b>K. H. Neves</b>
1) concepção e planejamento.	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.		X